

trazem grandes contribuições. A própria amplitude do tema contribui para tanto, permitindo diferentes ângulos de abordagem. Em alguns casos chega-se mesmo a se afastar do tema central, como no trabalho de Jacqueline Misraki (*Criminalité et pauvreté en France à l'époque de la guerre de Cent Ans*), interessante e que abre novas perspectivas, porém mais um estudo sobre sociologia do crime do que propriamente sobre pobreza. As possibilidades que oferecem as pesquisas sobre pobreza ficam claras, por exemplo, no artigo de Jean Batany (*Les pauvres et la pauvreté dans les revues des "estats du monde"*), de interesse para se aprofundar nossos conhecimentos sobre as hierarquias das condições sociais. Ou nos estudos das relações entre pobreza e heresia, de Cinzio Violante (*La pauvreté dans les hérésies du XI siècle en Occident*) e Christine Thouzellier (*Hérésie et pauvreté à la fin du XII et au début du XIII siècle*). Ou ainda para se examinar aspectos da espiritualidade medieval, como faz Lester Little (*L'utilité sociale de la pauvreté volontaire*).

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

* * *

GIMPEL (Jean). — *La révolution industrielle du Moyen Âge*. Col. "Points", ser. Histoire. Paris, Editions du Seuil, 1975. 250 pp.

A pesquisa histórica neste século contribuiu bastante para desfazer as interpretações errôneas do período medieval, dadas por autores literários e historiadores, desde o Renascimento até o Romantismo no século passado. No entanto, os resultados dessa pesquisa são pouco difundidos entre o grande público, cujas idéias sobre a Idade Média estão refletidas naqueles lugares comuns que dominam ainda boa parte da literatura didática ou romanesca e os filmes. A tirania do senhor feudal, a miséria dos servos da gleba, as credenças religiosas e as "trevas da ignorância" resumem para muitos as características essenciais daquela época.

O pequeno livro de Jean Gimpel, que ora apresentamos, é justamente uma dessas obras de divulgação, destinadas a colocar o leitor comum em contacto com as recentes aquisições da pesquisa histórica. Esse tipo de trabalho é, em geral, evitado pelo especialista, que não só carece de tempo para ele, bem como o encara mesmo com certas reservas. A obra de divulgação, visando um público amplo, obriga muitas vezes a utilização de certos recursos que redundam na generalização fácil e, conseqüentemente, na deformação da imagem histórica. Mas, apesar de tudo, tal gênero é necessário, sendo, via de regra, o único meio de comunicação entre o especialista e o grande público.

Para os apreciadores da história das ciências e da tecnologia, que desejem travar conhecimento com suas últimas aquisições relativas ao período medieval, o livro de Gimpel é excelente. Ele fornece em linhas gerais a evolu-

ção da civilização material na Idade Média, tendo tido a felicidade de conseguir enfiar em duzentas e cinquenta páginas informações dispersas em dezenas de obras e artigos especializados.

Começa com um levantamento dos recursos energéticos da Europa e seu aproveitamento pelo homem medieval, dando-nos interessantes informações sobre moinhos hidráulicos, barragens, e sua exploração por sociedades comerciais. Depois passa ao aproveitamento do solo. Num capítulo trata das riquezas minerais: técnicas de mineração e industrialização dos minerais. N'outro nos fornece as técnicas agrícolas: valendo-se das informações de G. Duby na conhecida obra sobre a economia rural, e de artigos mais especializados, nos mostra a evolução dos implementos agrícolas, a utilização dos metais, e as limitações que impunham às técnicas de cultivo. Estas merecem também sua atenção, e ele se detém sobre os problemas do tratamento do solo, sistemas de rotação, utilização de fertilizantes, etc.. Dois capítulos são gastos com as obras de engenharia, construções e invenções mecânicas. Tratamento especial é dado ao arquiteto Villard de Honnecourt, que nos deixou uma série de apontamentos sobre seus trabalhos arquitetônicos e mecânicos nos *Carnets*, destinados à instrução dos mestres pedreiros. Finalmente as descobertas que ele chama de intelectuais: os progressos da física, a invenção de instrumentos óticos e outros, destinados à observação do céu.

Mas Gimpel não esqueceu igualmente o lado humano da questão, verificando as condições do trabalho, desde o problema da remuneração até o da alimentação, incluindo ainda observações sobre a poluição e a destruição do meio ambiente. O livro termina com as crises dos séculos XIV e XV e o efeito que tiveram na evolução da civilização material da Idade Média.

Apesar da limitação cronológica imposta inicialmente à obra, séculos XI ao XIII (o apogeu, portanto, da civilização medieval), o autor a ultrapassou, tanto em direção à Alta Idade Média, quanto em direção aos tempos modernos. Obrigaram-no a fazê-lo a origem de certos inventos e sua evolução ulterior, bem como a grande dispersão e descontinuidade cronológicas no aparecimento de técnicas e invenções. Isso nos leva a uma primeira restrição ao seu livro: o título.

A divulgação para um público amplo impõe algumas exigências aos trabalhos, visando sua aceitação. Uma delas é a submissão às regras da propaganda, que, infelizmente, nem sempre concorda com a insipidez dos resultados científicos. No nosso caso, o título atrativo de *Revolução Industrial da Idade Média* pode se constituir numa armadilha para o leitor menos avisado. Gimpel menciona, é verdade, e situa de forma adequada na Introdução a histórica Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, resumindo, inclusive, seus componentes para poder traçar um paralelo com a "revolução" medieval (pp. 5-8). Contudo, isso não é suficiente para evitar uma certa confusão em torno do termo "revolução".

As transformações nas formas de produção industrial da Europa dos séculos XVIII e XIX, batizadas pelos historiadores com o designativo de Revolução Industrial, longe estão de oferecer termos de comparação com o fenómeno medieval. O espírito que aqui presidia as operações industriais, os objetivos e o modo de produção eram totalmente diferentes. Isso não bastando, a vasta gama de invenções, dispersas por campos que vão desde a agricultura à produção intelectual, seu escalonamento e descontinuidade num longo período de tempo, impedem qualquer paralelismo válido com a “revolução” dos tempos modernos. E a impressão causada pelo título é diametralmente oposta; somada à condensação do assunto numas poucas páginas, nos dá a idéia de uma verdadeira eclosão de inventos ligados entre si, num restrito espaço de tempo. Apresenta a Idade Média sob a luz do progresso, como o entendemos hoje, que ela nunca conheceu — salvo talvez nos últimos séculos.

Naturalmente o otimismo com que o autor encara o período medieval é salutar, e necessário também para desfazer o pessimismo secular que se lhe abateu sobre a reconstituição histórica. Mas, esse otimismo o conduz, por outro lado, a certos exageros quanto ao valor e o emprego de determinadas técnicas e invenções. É o caso, só para citar um exemplo, dos tratados agrícolas, como o de W. Henley, que Gimpel introduz sem nenhuma advertência prévia acerca de sua real utilização pelos agricultores medievais. Não sabemos até que ponto os conhecimentos e princípios aí expostos eram colocados em prática, e por quem. O encontro desses tratados nas bibliotecas das grandes abadias e o tipo de exploração por eles preconizado nos autoriza a pensar que esta era viável somente quando aplicada por pessoal qualificado e por senhores, donos de grandes recursos econômicos. Outro tanto se poderia dizer em relação à charrua, cuja distribuição geográfica, além do mais, não foi uniforme; o mesmo sucedendo com o sistema trienal de rotação de solos. Obviamente, tantas nuances dificilmente caberiam num trabalho de divulgação de dimensões reduzidas. Mas é mister que elas sejam notadas, pois generalizações e imprecisões são péssimos guias para o leigo interessado em História, especialmente em História Medieval.

Descartados porém esses inconvenientes, o livro conserva seu valor, enriquecendo as informações com recursos visuais, gráficos, esboços e fotografias de construções e instrumentos medievais. O estudante, e mesmo o leitor médio brasileiro tem nele um útil e agradável resumo da civilização material na Idade Média, congregando resultados de pesquisas recentes e, por vezes, de difícil acesso.

J. R. DE ALMEIDA MELLO

* * *

*